

O Freud inicial e o Freud tardio: a construção da teoria¹²

Jorge L. Ahumada³, Buenos Aires

Resumo: Como o próprio título do artigo propõe, o autor parte do encontro entre Freud e Breuer e seus trabalhos iniciais, ao mesmo tempo em que resgata o *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895) como proposta inicial, logo abandonada. Demonstra, em um estudo minucioso, a evolução do pensamento freudiano ao longo do seu percurso, ancorado em suas principais obras, tendo como base suas descobertas clínicas, sobretudo o fenômeno da transferência. Destaca a atualidade do pensamento psicanalítico de Freud e conclui com uma associação entre a sua fase tardia e o pensamento de Darwin.

Palavras-Chaves: inconsciente, conceitualização, teoria, desenvolvimento, psicanálise.

Teria sentido abordar as diferenças conceituais entre um Freud inicial e um Freud tardio? Tal questionamento vai além do mero interesse acadêmico, pois se refere à construção da teoria ao longo de sua obra e nos aproxima das mudanças atuais nas psicopatologias a nível individual e social. A trajetória de Freud, desde seus primeiros contatos com o inconsciente até sua morte, abarcou várias décadas e pouco pode surpreender que seus conceitos e seus marcos conceituais evoluíram de forma significativa em sua longa e árdua trajetória clínica.

É habitual distinguir nas conceitualizações freudianas uma Primeira Tópica culminando na Metapsicologia de 1915 e após uma breve e decisiva transição conceitual, uma Segunda Tópica, evoluindo passo a passo – talvez fosse melhor dizer salto a salto – em torno e a partir de 1920. Daí surge, a partir da década de trinta, um divisor de águas na psicanálise

1. Apresentado na Cátedra de Saúde Mental (Prof.: Dr. Roberto Doria Medina), Hospital de Clínicas, Universidad de Buenos Aires, en junio de 2019.

2. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

3. Psicanalista Titular, analista de crianças e Didata da Associação Psicanalítica Argentina, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise.

internacional. Enquanto a psicanálise francesa apoiou-se principalmente na Primeira Tópica, considerando a Metapsicologia de 1915, o ponto culminante do pensamento teórico freudiano, na psicanálise norte-americana, a Segunda Tópica, ou teoria estrutural, configurou durante décadas o núcleo da herança freudiana sob o rótulo de “Psicologia do Ego”. Porém, se bem que o cartesianismo fosse a marca d’água da psicanálise francesa, não faltaram na psicologia do ego autores como Heinz Hartmann, David Rapaport e Emmanuel Peterfreund, que captaram na linha cartesiana o pensamento da Segunda Tópica freudiana.

Vamos tentar começar do início. Parece interessante notar como primeiro contato clínico com o inconsciente, o encontro de Freud e Breuer e o relato deste de sua trajetória com sua paciente Anna O., colocando sobre o tapete sua “limpeza da chaminé” e sua “cura pela fala”, mas também é importante lembrar sumariamente os marcos conceituais que levaram Freud a tal encontro. Retomando o exposto em um trabalho anterior (Ahumada, 2006) direi que Freud trabalhou inicialmente, desde 1876 até 1882, como investigador em embriologia com Ernst Brücke, fundador da Sociedade de Física, defensor extremo das propostas físico-químicas e introdutor da metodologia experimental na medicina vienense, isto é, sob a égide de um herói do positivismo ou, o que é equivalente, do cartesianismo; isto é muito menos verdadeiro para outro de seus mestres, Theodor Meynert, pioneiro da neuroanatomia e da citoarquitetura. Quanto a seus mestres na clínica, Charcot se distanciou do cartesianismo em suas investigações da hipnose e da sugestão hipnótica: Freud afirmou que nada o havia influenciado tanto quanto Charcot. Menos ainda colocaríamos Bernheim no positivismo ou no cartesianismo, pois manteve a todo momento sua compreensão das dinâmicas psíquicas em um nível clínico-descritivo e descentra de qualquer tipo de organicidade os fenômenos hipnóticos e a sugestão pós-hipnótica, considerando-os como fenômenos sociais.

Freud encarnava pois, ao deparar-se com o inconsciente, duas tradições científicas muito diversas: a tradição experimental e a tradição clínica. A tradição experimental, assentada no cartesianismo, buscava – e busca

ainda hoje, com as neurociências – a redução dos fenômenos psíquicos a variáveis homogênicas para aproximar-se em função de tais variáveis homogênicas à previsibilidade estrita dos fenômenos ao modo das ciências exatas. A tradição clínica da medicina, por sua parte, compartilha os métodos das ciências descritivas; remonta à antiguidade grega e surge de uma forma completamente independente no que diz respeito às ciências exatas. Freud encarnava também uma terceira tradição, incluída nas ciências descritivas, mas distinta da tradição clínica da medicina: o evolucionismo darwiniano. Já no início – até 1883 – Freud teve contato com o pensamento de Darwin, que foi intenso e precoce em seu curso, mas demorou a permear sua obra. Uma quarta tradição, onde Freud e sua época estavam imersos é o romantismo: décadas antes da poesia de Novalis ter introduzido fortemente o termo “inconsciente”; porém o caminho freudiano de investigação do psiquismo inconsciente se contrapõe a seu uso e função na poesia romântica: como destaca André Green (2010), a experiência psicanalítica se distancia de todo o misticismo romântico.

Passemos agora a Anna O., assistida por Joseph Breuer pela primeira vez no final de 1880, atribuindo Freud a Breuer, em mais de uma ocasião, o mérito da descoberta do “método catártico”. Sem detalhar seus sintomas e seus episódios hipnoides, por motivo de espaço, assinalo um momento crucial em 1881: Anna O. se negava a beber, até que em um episódio hipnótico relatou estar enojada porque a cadela de sua dama de companhia havia bebido de seu copo; logo ao despertar, pediu um copo de água. A partir de tal evento, Breuer a obrigou a buscar, para cada sintoma e ainda com esforço, a cena esquecida subjacente à origem do sintoma, isto é, a cena traumática. Breuer comunicou a Freud essas situações no ano seguinte, porém, apenas anos depois, em 1895, este evento clínico fornecido pelo ciclo sintoma-rememoração da situação traumática esquecida – expressão verbal – resolução do sintoma (ao menos temporariamente), fato que está no núcleo inicial da psicanálise, foi resgatado e encontrou expressão nos *Estudos sobre a histeria*, onde Freud se encarregou da parte final, *A psicoterapia da histeria (Breuer e Freud, 1895)*. Ali relata magistralmente

achados clínicos tais como a repressão e a resistência, a ideia de que a consciência é a qualquer momento capaz de abrigar uma única memória, ou a de que carece de sentido tentar penetrar diretamente no núcleo da organização patogênica. A *representação* mnêmica da situação traumática esquecida – isto é, reprimida – assume aí papel central e também depois, no estudo freudiano dos sonhos.

Como sabemos desse mesmo ano de 1895 procede um manuscrito privado de sua correspondência com Fliess, não publicado e cuja divulgação tentou impedir durante toda a sua vida: o *Projeto para uma psicologia científica*. Na Introdução afirma: “A intenção é promover uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, de modo tal que tais processos sejam claros e livres de contradição. Envolve duas ideias principais: 1) o que distingue a atividade do repouso deve ser vista como Q. 2) Os neurônios serão tomados como as partículas materiais” (Freud, 1895, p. 297).

Difícil resultaria conceber duas linhas de pensamento mais diferentes: enquanto *A psicoterapia da histeria* se limita inteiramente ao pensamento clínico, o *Projeto* tenta por outra via, localizar os fatos clínicos em um marco ideativo de um leito de Procusto, o positivismo fiscalista de Hermann von Helmholtz e de seu mestre Ernst von Brücke. Tentativa cujo esforço logo reconhece, destruindo seu manuscrito. Porém, se bem renunciou ao plano desenvolvendo um projeto fiscalista global, muitos de seus engramas cartesiano-positivistas reaparecerão – em grande medida mitigados – ao tentar armar teoricamente suas propostas, em especial no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900) e se insinuam também em escritos posteriores até mais além da Metapsicologia de 1915. É característico do pensamento de Freud realizar grandes esforços levando seu marco ideativo até o limite, para logo descartá-lo ou ao menos modificá-lo na raiz, abrindo o caminho para novos engramas conceituais: situação que se deu em grande escala em pelo menos duas oportunidades, em 1895 com o *Projeto* e depois com a Metapsicologia em 1915. Costumo dizer que as

ideias-guia do *Projeto* reaparecem mitigadas em desenvolvimentos posteriores, tais como no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900), porque no meu entender não se tratava de rastrear “partículas materiais especificáveis” de existência supostamente real, como ocorria no *Projeto*, senão de modelos conceituais aos quais recorre, influenciado por sua formação no positivismo, modelos que modificará, retificará ou abandonará – embora nunca de todo – em sua obra ulterior.

O capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, primeira tentativa de teorização geral do funcionamento em termos psíquicos, retém importantes linhas diretrizes do *Projeto*, em especial a ideia de que o aparato pulsional tende a descarregar quantidades de energia sobre o aparelho psíquico. No novo contexto dos sonhos o significado latente do sonho implica sempre a busca do prazer, por mais que o significado manifesto do mesmo se mostre desprazeroso; é assumida uma equiparação entre o princípio do desprazer-prazer e a descarga instintiva provedora de prazer, sendo os impulsos instintivos considerados como exteriores ao aparelho psíquico e implicando para este uma demanda de trabalho. Aí aparece o ponto de vista económico em termos quase-materiais, que nas conceitualizações iniciais de Freud implicava na adoção de ideias diretamente derivadas do fisicalismo como o princípio da constância de Fechner, na suposição de que levar o nível de excitação a zero é uma função inata do aparelho psíquico. Vemos pois que se em 1895 Freud propõe dois conjuntos ideativos extremamente diversos, no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* seus esforços para conceitualizar a nível mais geral seus achados clínicos conduzem a uma imixão onde o fisicalismo, operando como marco ideativo amplo, não deixa de desempenhar um papel relevante na construção da teoria acerca das dinâmicas psíquicas. Daí uma lacuna entre a “teoria clínica” e a “teoria geral”.

DUAS VARIANTES DA TÉCNICA PSICANALÍTICA: A VIRADA DE 1914

Retomando o que foi proposto em um trabalho anterior (Ahumada,

2014), e coincidindo com a concepção de uma Primeira Tópica que culmina na Metapsicologia de 1915 e, logo de um período de transição, uma virada a partir de *Mais além do princípio do prazer* em 1920 para a construção de uma Segunda Tópica, a teoria estrutural, quero destacar outra virada, prévia à anterior, que se bem se propõe como uma virada técnica, implica uma mudança substancial na concepção freudiana do psiquismo. Examinando a evolução da técnica psicanalítica desde o início, em “*Recordar, repetir e elaborar*” Freud contrapõe a técnica utilizada até então, apontando para a recuperação das recordações traumáticas da infância preenchendo as lacunas mnêmicas, vinculada com “a velha técnica hipnótica” onde o paciente retomava na sessão a marca temporal da situação traumática original, sem confundi-la com a situação atual (1914^a, p. 148), com a “nova técnica”, pouco ou nada resta de tal curso fluido de eventos de recordação. Alguns pacientes, observa, se comportam como na técnica hipnótica até certo ponto, deixando logo de fazê-lo, enquanto outros se comportam de forma distinta desde o começo; vale para estes que “o paciente não *recorda* o esquecido ou reprimido, senão que o atua. Reproduz não como memória mas como ação; *repete*, sem saber que está repetindo” (1914a, p. 149-150). Em tal contraposição da “velha técnica hipnótica” e da “nova técnica”, Freud localiza dois tipos de pacientes segundo seu uso da técnica. Associa aqueles que usam a sessão da maneira rememorativa do procedimento hipnótico com a histeria e a neurose obsessiva – isto é, com as estruturas psíquicas evoluídas da neurose – enquanto que para aqueles que não podem ou não querem recordar e atuam seus conflitos inconscientes no vínculo transferencial, a atuação é a única alternativa que o método psicanalítico lhes oferece. Nestes casos, afirma, “devemos tratar sua enfermidade não como um fato do passado, mas como uma força presente” (1914a, p. 151), sendo importante que o paciente “obtenha a coragem de *dirigir sua atenção* para os fenômenos de sua enfermidade” (1914a, p. 152, *italicos meus*) para reconciliar-se com o material reprimido. A nova técnica “implica conjurar um fragmento da vida real” ao contexto da transferência como campo de jogo, dado que “não podemos derrotar um inimigo ausente

ou localizado fora do nosso alcance” (1914a, p. 152).

O que antecede implica não só uma extensão da técnica para além do marco conceitual derivado da “limpeza da chaminé” de Anna O., passando a incluir pacientes que, diferentes dos neuróticos, não discriminam as situações primitivas e as atuais, vivendo as situações presentes superpostas às primitivas; implica também um novo marco para a compreensão das dinâmicas psíquicas. Já no ano anterior, em *Totem e tabu*, Freud havia manifestado, citando Goethe, que “no princípio era o ato” (1913, p. 161). Ampliar, a partir da clínica, a estrutura da técnica incluindo novos tipos de pacientes, supõe uma estrutura para captar novos fenômenos e portanto para a ampliação da estrutura conceitual para o desenvolvimento da Segunda Tópica. A qual, e isto é importante para a minha finalidade, mostra que *é a partir da captação de novos fenômenos até então não captados, e ante a pressão destes, que surgem as novas conceitualizações*. Assistimos pois, já em 1914, a uma notável expansão do conceito de inconsciente: ampliação que, para dizer a verdade, já estava *in nuce* desde uma década atrás, com o descobrimento da transferência abrindo o caminho para a “nova técnica”. Enquanto que na “velha técnica hipnótica” o conceito de inconsciente se restringia aos efeitos de uma ocorrência pontual ou de uma sucessão destas, a situação traumática que desencadeava a repressão e o esquecimento do episódio, na “nova técnica” o conceito de inconsciente com que se opera inclui o conjunto de ações do paciente postas em jogo na sua relação com o analista, colocando em germe o que mais adiante se desenvolverá como o inconsciente não reprimido e o papel central dos fenômenos agressivos na interação com os da sexualidade.

A CONSTRUÇÃO DA TEORIA

O que nos leva ao tema da construção da teoria no Freud inicial e no Freud tardio. Porém, antes recordemos algumas admoestações de Freud quanto ao lugar epistêmico que, em função da “diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência construída sobre a interpretação empírica”

(1914b, p. 177), contempla as teorias em psicanálise:

a) que “essas ideias não são o fundamento da ciência sobre a qual tudo repousa: esse fundamento é apenas a observação. Não são a base, mas o teto da estrutura epistêmica, podendo ser modificada ou descartada sem danificá-la” (1914b, p. 77) na medida em que novos achados clínicos surgidos da observação assim o requeiram.

b) que a psicanálise “se mantém próxima dos fenômenos do seu campo de estudo, busca resolver os problemas imediatos da observação, toca seu caminho com a ajuda das experiências, é sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias” (1923a, p. 253).

c) que “As ideias básicas ou os conceitos mais gerais de qualquer disciplina da ciência somente passam a explicar-se em referência ao âmbito de fenômenos do qual derivam: só mediante uma progressiva análise do material de observação podem ser esclarecidos e alcançar um significado definido e consistente” (1925, p. 58).

Contrariamente ao que supõem as epistemologias clássicas que tomam as ciências exatas como modelo global de conhecimento, os conceitos mais gerais não são de nenhuma maneira o fundamento das ciências: não são, diz Freud, a base senão o teto da estrutura e podem se modificar ou ser descartado sem danificá-lo. A base – sempre provisória – da estrutura epistêmica será determinada pelos achados clínicos que forem discriminados até aquele momento.

Estas admoestações cruciais de Freud servem de guia para traçar, embora seja a voo de pássaro, o percurso desde o Freud inicial até o Freud tardio, tendo em conta, além disso, uma honesta dimensão enunciada uma década antes: “Mesmo na fase de descrição não se pode deixar de aplicar ao material clínico certas ideias abstratas, derivadas de um lado ou de outro, porém por certo não apenas de novas observações” (1915, p. 117).

Se é certo que ainda na etapa de descrição não podemos evitar a aplicação de certas ideias abstratas, isso se torna muito mais notório ao tentar conceitualizar o observado. São sinais disto, como mencionei mais acima, as intransponíveis diferenças apontadas em 1895 entre *A psicoterapia da*

histeria por um lado, e por outro o *Projeto* que tem como objetivo abranger os conceitos psíquicos em termos materiais ao modo de uma máquina neurológica. Na *Interpretação dos sonhos* (1900) estas diferenças entre uma conceitualização próxima à clínica por uma parte e a tentativa de conceitualizar em termos mais abstratos, supostamente mais científicos, por outra, ocorre entre o capítulo VI e o capítulo VII da obra, desdobrando-se no capítulo VII uma hipotética “carga” de energia que em outro lugar Freud compara com o deslocamento de cargas elétricas, cuja descarga rege o desprazer-prazer; observamos aí termos como “soma de excitação”, “quantidade”, “qualidade”, “energia psíquica”. Essa linha conceitual reflete o interesse em localizar uma continuidade entre fenômenos psíquicos e neurofisiológicos, interesse que Freud nunca abandonou completamente, porém que foi passando do primeiro plano conceitual que adotou no *Projeto* ao modesto papel de uma aspiração a ser cumprida, talvez em algum momento futuro: sobretudo a partir da descoberta da transferência foi se tornando cada vez mais palpável que os fenômenos psíquicos não são dedutíveis a termos materiais. Daí a inclusão prioritária da atuação transferencial na situação analítica levará a novos conceitos ulteriores como o papel central concedido à agressão, o papel atribuído às ansiedades de separação e a noção ampla de um inconsciente não reprimido, assim como a articular a visão triádica estrutural do psiquismo em termos de id-ego-superego. Os sucessivos achados clínicos, a teoria clínica construída para tentar abarcá-los e as mudanças no método possibilitando novos achados, operam como motor do desenvolvimento conceitual da psicanálise.

A forma com que a noção de instinto se flexibiliza e se torna complexa na conceitualização freudiana tardia do aparelho psíquico nos ilustra a maneira com que seus progressos clínicos se separam cada vez mais dos conceitos da psicanálise dos “conceitos claros e distintos, inquestionáveis” exaltados como modelo científico global pela concepção cartesiana que subentende ao positivismo: enquanto, como vimos, no Freud inicial os impulsos instintivos eram externos ao aparelho psíquico sobre o qual

descarregavam, criando demanda de trabalho, na Segunda Tópica ditos impulsos instintivos são inerentes a todo o aparelho psíquico.

OS AVATARES CONCEITUAIS DA “VIVÊNCIA DE SATISFAÇÃO”

Contrastando as tentativas de descrição em termos de “teoria clínica” que tenta manter-se próxima aos achados da observação e a “teoria geral” que aponta para envolver o psíquico em termos supostamente mais científicos, tomarei como exemplo a “vivência de satisfação” que Freud introduz precocemente no *Projeto* como situação crucial do desenvolvimento e depois retoma várias vezes ao longo de sua obra. Tal como propõe ali, os impulsos em busca de descarga (fome) requerem uma *ação específica* que de início o organismo humano é incapaz de produzir:

“ocorre através de uma ajuda externa, quando a atenção de uma pessoa experiente recai ao estado da criança, pela descarga segundo a via da mudança interna. Desse modo, tal maneira de descarga adquire uma função secundária da maior importância, a comunicação e o desamparo inicial dos seres humanos é fonte primária de todos os motivos morais.

Quando a pessoa que ajuda a realizar a ação específica no mundo externo para o bebê desamparado, este está em posição, por meio de operações reflexas, a realizar imediatamente do interior do seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. O evento total constitui a experiência de satisfação...” (Freud, 1895, p. 318).

Retomando o tema, em um parágrafo adicional aos *Três ensaios*, em 1915, Freud introduz “a organização oral, ou como poderia ser chamada, a organização pregenital canibalística. Aqui a atividade sexual não é separada da ingestão do alimento, nem pode diferenciar-se na atividade de correntes opostas. O *objeto* de ambas as atividades é o mesmo: o fim sexual consiste na incorporação do objeto – o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, passa a desempenhar mais adiante um importante

papel psicológico” (1905, p. 198). Acrescenta que na sucção do polegar a atividade sexual, destacada da atividade nutritiva, substitui o objeto exterior por outro encontrado no próprio corpo. Mais tarde, em *Mais além do princípio do prazer*, após destacar a obscuridade da teoria dos instintos, Freud aborda o papel do componente sádico do instinto sexual na amamentação: “na fase oral do desenvolvimento da libido, o ato de obter o domínio erótico do objeto coincide com a destruição do dito objeto; posteriormente o instinto sádico se separa e, depois, no estágio da primazia genital, toma, para efeitos de reprodução, a função de dominar o objeto sexual na medida necessária para a realização do ato sexual. ... Em qualquer caso, onde o sadismo original não foi mitigado, nos encontraremos com a familiar ambivalência do amor e do ódio na vida erótica” (1920, p.44).

Como assinalo em outro local (Ahumada, 2019), estas adições conceituais de Freud em 1915 e 1920, seguem de perto o relato da experiência de satisfação proposta em 1895. O *Projeto* de 1895 apenas menciona uma “pessoa experiente” ou uma “pessoa que ajuda”; tampouco em 1915 e 1920 entra em cena uma mãe, nem se menciona afetos: o “objeto” se limita ao leite como objeto de nutrição e talvez o mamilo: é notório que *Mais além do princípio do prazer* retém e revive a marca neurofisiológica do *Projeto*. Isto, embora em *Leonardo* (1910) – que vai além de ser um trabalho de psicanálise aplicada, pois Freud esclarece que tratou um paciente semelhante a Leonardo, porém sem a sua genialidade – havia focado o vínculo amoroso com a mãe durante a amamentação, a ruptura do vínculo com o conseqüente trauma precoce e o efeito tardio do mesmo: sua homossexualidade latente, emergente da passagem da atividade à passividade. No *Leonardo* as mútuas emoções desempenham um papel crucial, pois se trata, para Freud, do “mais alto êxtase erótico, que nunca mais será alcançado” (1910, p. 129).

O GERAL E O PESSOAL

Vemos, pois, que nas tentativas de teorizar o psíquico em termos mais

gerais, inevitavelmente se perdem as referências pessoais assim como os matizes emocionais e as ansiedades em jogo. *Na intenção de generalizar, a individualidade do psíquico se desvanece*: penso ser este o motivo pelo qual Freud interrompe, e em boa medida abandona, seu ambicioso projeto da Metapsicologia de 1915. Daí que o objetivo – proposto em uma nota de rodapé – desta série de trabalhos, “esclarecer e aprofundar os supostos teóricos sobre os quais fundar um sistema psicanalítico” (1917a, p. 222n) se contrapõe totalmente às reiteradas admoestações acima citadas quanto à natureza das teorias psicanalíticas: que as teorias não são senão o teto da estrutura do conhecimento (1914b, p.77); que a psicanálise busca resolver os problemas imediatos da observação tateando seu caminho com a ajuda das experiências, sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias (1923, p. 253); que somente mediante uma progressiva análise do material de observação os conceitos podem ser esclarecidos e alcançar um significado definido e consistente (1925, p.58). Em relação a isso, Freud deve admitir que este nível de teoria geral é “parte da superestrutura especulativa da psicanálise, que pode ser abandonada ou modificada sem perda ou arrependimento” (1925, p. 32), havendo ainda, afirma Freud, muito por descrever acerca da experiência concreta. As ambições do sistema ao modo de uma metapsicologia geral são, pois, tentativas de construir superestruturas especulativas.

Que Freud aborda totalmente o tema da perda objetal em *Luto e melancolia* (1917) é parte da ampliação conceitual que marca esta época de sua obra: ele delineia conceitualmente a perda do objeto, da perda egoica que geralmente é sua consequência (como já o havia assinalado, em outro sentido, em *Leonardo*). Linha de pensamento que se desenvolve em *Inibição, sintoma e angústia* (1926) onde, em relação aos perigos internos, enfatiza a separação ou perda de um objeto amado, ou a perda de seu amor.

Como afirma em *O ego e o id* (1923b) o ego é primeira e fundamentalmente um ego corporal, surgido do contato com a realidade, sendo *uma diferenciação do id* ao qual continua sem distinção e ao qual serve de fachada. Retomando uma linha presente desde o início, assinalará uma

década depois, em *Novas conferências introdutórias* que “o ego é em sua essência um sujeito” (1933, p. 58). Herdeiro por via identificatória de seus investimentos objetivos abandonados, os mais precoces dos quais se mantém, afirma, ativos durante toda a vida, o ego retém em sua estrutura a história de seu desenvolvimento através de seus conflitos e inclui uma tripla servidão aos seus amos: a) o superego, por sua vez herdeiro do complexo de Édipo, é o vetor do id onde afunda suas raízes; b) o mundo exterior, ao qual se liga pela percepção e sobre cujos eventos emite juízos; c) o id, os impulsos sexuais e agressivos, fonte do *agieren*, isto é, da atuação inconsciente. O ego é, pois, uma criatura de fronteira, cujos esforços em testar a realidade mediam entre seus três amos ao mesmo tempo que os corteja, e que com suas dinâmicas defensivas é órgão não apenas de conhecimento, mas também de *desconhecimento*. Como podemos apreciar, no Freud final os impulsos instintivos permeiam todas as instâncias psíquicas: permeiam o ego, que é continuação do id, sem distinção entre ambos; permeiam também o superego, e permeiam por projeção a realidade exterior. Como veremos a seguir, permeiam também o social: com o qual o pulsional assume, no Freud final, concordando com André Green (2002), a centralidade atribuída no início à representação.

No *Mal estar na cultura* contribui para o sentimento de si mesmo, para a experiência do nosso próprio ego: de nada, diz Freud, temos mais certeza que de nosso ego, que se nos mostra como autônomo e unitário – porém, sustenta, essa aparência é enganosa (1930, p. 66-67). Anos antes, em *A psicologia das massas e a análise do ego*, Freud (1921, p. 107) havia descrito em um grupo de meninas uma dinâmica psíquica ao mesmo tempo individual e grupal, um tipo de *identificação por imitação* que, afirma, deixa “completamente de lado qualquer relação objetal para a pessoa que é imitada”; isto é, operando na base da *pars pro toto*, a identificação imitativa toma a parte pelo todo ignorando a singularidade da pessoa.

Este conceito chave é retomado uma década depois por Helene Deutsch (1942) com o nome de identificação mimética, abrindo as portas para a delimitação e compreensão das patologias contemporâneas fora das

neuroses.

Freud está, em 1930, e como consequência dos achados clínicos surgidos na raiz da descoberta da transferência, bastante além do modelo inicial da psicanálise, surgido dos primeiros estudos sobre a histeria, isto é, do ciclo sintoma-rememoração da situação traumática esquecida-expressão verbal-resolução. Como vimos, a “nova técnica”, derivada da preeminência da atuação, dá lugar à psicanálise para novos tipos de pacientes; se bem que Freud não institui em função de ditos pacientes, novas categorias taxonômicas, o curso do *Mal estar na cultura* (1930) mostra captações psicopatológicas que vão além de suas pacientes vitorianas e constituem o núcleo das psicopatologias atuais na Era das Mídias.

Viver, diz Freud, nos torna duros em excesso, pois a felicidade é um resultado mais que fugaz e ocorre muito pouco ante um estado estável de coisas; ademais, a felicidade, ao satisfazer impulsos selvagens, é incomparavelmente mais intensa que ao satisfazer impulsos domesticados: daí os impulsos perversos serem tão irresistíveis e talvez a atração generalizada pelo proibido (1930, p. 79). Tendemos, diz, a considerar a civilização em grande parte responsável por nossas misérias e a pensar que seríamos muito mais felizes se a deixássemos de lado e voltássemos a condições primitivas (1930, p. 86): do fato que nos tornamos neuróticos por não tolerarmos as frustrações que os ideais culturais nos impõem, se passa a inferir que a abolição dessas demandas levaria a um retorno para a felicidade (1930, p. 87). Adiciona depois, e isto resulta a meu entender crucial quanto às novas psicopatologias, que potencializadas pelos avanços das ciências e das tecnologias, o homem atual assume para si a onipotência e a onisciência que atribuía aos deuses, à raiz do qual quase se converteu em uma prótese de um deus, embora não seja feliz no personagem (1930, p. 91-92). Logo reitera (1930, p. 97) que a civilização se constrói sobre uma renúncia instintiva, sendo esta a causa da hostilidade com a qual devem lidar todas as civilizações, propondo que a “pobreza psicológica dos grupos” (1930, p. 116-117) se torna ainda mais ameaçadora quando os vínculos se estabelecem pela identificação dos membros um com o outro - à maneira,

acrescenta, da identificação imitativa ou mimética, fortalecida ao extremo na Era das Mídias pelos protagonismos desenfreados – sejam ideológicos, políticos ou meramente pessoais – postos em jogo através da hegemonia da imagem, das redes sociais e do jornalismo midiático, fomentando a nível social comportamentos tribais movidos pelo ressentimento contra o estabelecido e o dado, em uma ética de “quebrar tudo” (Fisher, 2019; ver Ahumada, 1999, em especial o capítulo 1), inclusive o pensamento, destaca André Green (2010, p. 163) evidencia seus determinantes pulsionais, distantes de serem racionais.

Freud penetra assim no questionamento de características centrais da psicopatologia social de nossa época, complementando o indicado uma década antes em *Psicologia das massas e a análise do ego* (1920): que a psicanálise é uma psicologia social ao tempo em que é uma psicologia individual. Impossível alcançar tal ampliação de olhares com os elementos conceituais da primeira tópica.

A CONSTRUÇÃO DA TEORIA

Vemos, quanto à construção da teoria, que afastando-se da ambição, por via cartesiana, de aceder a conceitos nítidos e livres de contradição que o guiara no *Projeto*, o progressivo desenvolvimento clínico de Freud o levou a conceitos mais pessoais, mais históricos (em termos de uma história pessoal), mais imbricados, mais amplos, mais difusos e mais complexos, que por sua vez abarcam áreas mais vastas, estabelecendo pontes entre o individual e o social. *A construção genuína da teoria se dá, muito mais de baixo para cima, desde o particular, partindo dos achados clínicos, até o geral, do que de cima para baixo, desde o geral até o particular.* Freud vai abandonando as ambições de nitidez conceitual e síntese teórica que caracterizam os cartesianismos, ambições que, como assinalei, estiveram no fundo do grande esforço de síntese que significou a Metapsicologia de 1915. Bem distante das propostas das epistemologias clássicas centradas na dedução a partir de premissas, aproxima-se cada vez mais do tipo de

pensamento conceitual voltado a *articular fatos dissímiles em múltiplos níveis* que deve ter sido utilizado por Darwin para acessar o processo de evolução das espécies. Assim, pois, nas *Novas conferências introdutórias* explica: “O progresso no trabalho científico ocorre justamente como em uma análise. Trazemos expectativas para a tarefa, porém devemos refreá-las. Mediante a observação, em um ponto ou outro, nos deparamos com algo novo; porém, de início, os fragmentos não coincidem uns com os outros. Antecipamos conjecturas, construímos hipóteses que subtraímos quando não se confirmam, necessitamos de muita paciência e de estarmos prontos para qualquer eventualidade a achados inesperados, e ao final nosso esforço será recompensado, conseguimos compreender uma série de eventos psíquicos, completamos nossa tarefa e estamos livres para empreendermos a próxima” (Freud, 1933, p. 174). Os conceitos em psicanálise requerem ser entendidos “com referência ao âmbito dos fenômenos do qual derivam” (Freud, 1925, p. 58); a abertura diante dos achados não previstos tem prioridade no questionamento, e é função do método psicanalítico lhes dar o seu devido lugar.

A evolução darwiniana das espécies carece de “conceitos claros e distintos, inquestionáveis”: inclusive o conceito aparentemente mais fluido da marca do pensamento, o conceito de espécie, está distante de ser nítido; como assinala Darwin, que é através da gênese de variedades que vão surgindo as sucessivas espécies, porém, geralmente não há maneira de diferenciar claramente entre espécies e variedades, a ausência de fertilidade cruzada entre as espécies, não é contundente e deixa de aplicar-se em uma variedade de casos: sabe-se hoje que os quatro camelídeos dos Andes – a vicuña, a alpaca, a llama e o guanaco – tem fertilidades cruzadas, mas ninguém propõe, apesar de uma constatação tão surpreendente, que se trate de variedades e não de espécies genuínas. A formulação de Freud em termos de id-ego-superego, derivados de um curso histórico pessoal e permeados cada um por pulsões instintivas, leva a pensar que o Freud tardio teria coincidido com Darwin quando este afirma que “ao longo de toda a evolução está longe de ser fácil distinguir entre instinto e razão; isto deve

ser avaliado caso a caso e de acordo com as circunstâncias” (Darwin 1879, p. 96–97). Também penso que Darwin teria coincidido com Freud quando este assinala que a estrutura psíquica em termos de id-ego-superego “se aplica também, podemos supor, aos animais superiores que se assemelham mentalmente ao homem” (Freud 1940, p. 147).

Vale, para finalizar, um dimensionamento histórico endossando a relevância do primitivo vínculo de Freud com Darwin: como mostrei em outro trabalho (Ahumada, 2017), de acordo com Ernest Jones (1957), *A origem do homem* foi o único livro de Darwin que acompanhou Freud a Londres em seu exílio final; posteriormente a historiadora Lucille Ritvo (1990, p. 65) constatou que foram sete os volumes que ele levou consigo, incluindo alguns lidos apenas por públicos especializados como *A variação dos animais e plantas sob domesticação*, datado a mão pelo próprio “Dr. Sigm. Freud 6/6/83”.

THE INITIAL FREUD AND THE LATE FREUD: THE CONSTRUCTION OF THEORY

ABSTRACT: As the title of the article proposes, the author starts from the meeting between Freud and Breuer and his initial works, at the same time that rescues the Project for a scientific psychology (Freud, 1895) as an initial proposal, soon abandoned. He shows, in a detailed study, the evolution of Freudian thought along its course, anchored in his main works, based on his clinical findings, above all the phenomenon of transference. The author highlights the actuality of Freud’s psychoanalytic thinking and concludes with an association between his late phase and Darwin’s thinking.

KEYWORDS: unconscious, conceptualization, theory, development, psychoanalysis.

EL FREUD INICIAL Y EL FREUD TARDÍO: LA CONSTRUCCIÓN DE TEORÍA

RESUMEN: Como el propio título del artículo propone, el autor parte del encuentro entre Freud y Breuer y sus trabajos iniciales, al mismo tiempo que rescata el Proyecto para una psicología científica (Freud, 1895) como propuesta inicial, luego abandonada. Demuestra, en un estudio minucioso, la evolución del pensamiento freudiano a lo largo de su recorrido, anclado en sus principales obras, teniendo como base sus descubrimientos clínicos, sobre todo el fenómeno de la transferencia. Destaca la actualidad del pensamiento psicoanalítico de Freud y concluye con una asociación entre su fase tardía y el pensamiento de Darwin.

PALABRAS-CLAVE: inconsciente, conceptualización, teoría, desarrollo, psicoanálisis.

Referências

- Ahumada J. L. (1999). *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(2006). Contexto y texto en los descubrimientos freudianos. *Revista de Psicoanálisis* 63: 237-253.
- _____(2014). The waning of screen memories: from the Age of Neuroses to an Autistoid Age. En: *On Freud's 'Screen Memories'* (p. 104-117). Ed. por G. S. Reed y H. B. Levine. Londres, Karnac.
- _____(2017). El conocimiento psicoanalítico. “Una ciencia basada en la observación”. *Revista de Psicoanálisis* 74: 85-106.
- _____(2019). Freud's “The Uncanny” and the “Leonardo”. Rethinking instinctual drives. En: *On Freud's “The Uncanny”*. Ed. por C. Bronstein. Londres, Karnac, en prensa.
- Breuer J. y Freud S. (1895). Studies on hysteria. S. E. 2.
- Darwin, C. (1879). *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex* (2a. ed.) Londres: Penguin, 2004.
- Deutsch H. (1942). (1942). Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenia. *Psychoanalytic Quarterly* 11: 301-321.
- Fisher S. (2019). Brexit: la democracia de ‘rompan todo’. *La Nación*, 5 de abril, p. 1, 6.
- Freud S. (1895), Project for a scientific psychology. S. E. 1
- _____(1900). The interpretation of dreams. S. E. 4, 5.
- _____(1905). Three essays on the theory of sexuality. S. E. 7.
- _____(1910). Leonardo da Vinci and a memory of his childhood. S. E. 11.
- _____(1913). Totem and taboo. S. E. 13.
- _____(1914a). Remembering, repeating and working-through. S. E. 12.
- _____(1914b) On narcissism: an introduction. S. E. 14.
- _____(1915). Instincts and their vicissitudes. S.E. 14.
- _____(1917a). A metapsychological supplement to the theory of dreams. S. E. 14.
- _____(1917b). Mourning and melancholia. S. E. 14.
- _____(1920). Beyond the pleasure principle. S. E. 18.
- _____(1923a). Two encyclopaedia articles. A) Psychoanalysis. S.E. 18.
- _____(1923b). The ego and the id. S. E. 19.
- _____(1925). An autobiographical study. S.E. 20.
- _____(1933). New introductory lectures on psychoanalysis. S. E. 22.
- _____(1940). Reflections, ideas, problems. S.E. 23.
- Green A. (2002). ¿De qué se trata? *Revista de Psicoanálisis* 59: 411-430.
- _____(2010) *¿Por qué las pulsiones de destrucción y de muerte?* Buenos Aires, Amorrortu, 2014.
- Jones E. (1957). *The Life and Work of Sigmund Freud. The Last Phase*. Vol. 3, Nueva York NY, Basic Books.
- Ritvo L. B. (1990). *Darwin's influence on Freud. A tale of two sciences*. New Haven CT, Harvard University Press.